

**Dra. Celeste Costa**

**CNAD - Cooperativa Nacional de Apoio a Deficientes**

**Intervenção proferida no Fórum Distrital de Segurança Dodoviária**

**Fórum Lisboa, 28 de Maio de 2008**

Há cerca de 34 anos o poeta Manuel Alegre publicou um poema intitulado "E de Súbito um Sino" em que refere o despertar do povo português para a liberdade.

Com esta intervenção pretendo fundamentalmente ensaiar um contra-ponto com a brutalidade com que uma qualquer pessoa é despertada para uma mudança radical de vida ao sofrer um acidente de que resulte uma deficiência/incapacidade muito grave. Nestas circunstâncias não surge de súbito um sino a dar-nos uma nova alegria ou uma nova esperança. Bem pelo contrário.

Parece mais que o céu se despenhou sobre as nossas cabeças, numa sensação caótica prevista nas histórias do Astérix, mas de que não resulta qualquer sorriso como acontece nas aventuras do herói gaulês.

Foi a consciência dessa dura realidade que inspirou em muito a constituição e a prática da CNAD.

Foi por reconhecer o modo frio e distante como a sociedade reagia (e ainda hoje reage) ao infortúnio dos seus membros que nos levou a pensar na necessidade de transmitir um pouco de um toque de sino àqueles que já adultos, com vida formada, ou jovens adultos, com muitos sonhos ainda por tentar, ficavam paraplégicos ou tetraplégicos, de repente cegavam ou perdiam as suas capacidades mais elementares de raciocínio e de expressão.

Curiosamente a sociedade portuguesa sempre dedicou especial atenção às crianças e as respostas sociais, quer por cooperativas ou associações, aí estão para o comprovar.

Mas o que acontece às pessoas vítimas de acidentes de estrada, às que sobrevivem às quedas de andaimes, a todas as que de um momento para o outro se encontram face ao maior desespero, sem respostas de ninguém, sem informação, sem auxílio das famílias porque também estas não sabem o que fazer nem a quem recorrer.

Este é o verdadeiro drama, tanto maior quanto grande é a falta de soluções.

A grande luta empreendida há duas décadas e meia dá-nos alguma credibilidade nas afirmações que fazemos e dá-nos também a força para actuarmos com um optimismo que as palavras até agora proferidas parecem desmentir.

Podemos com toda a seriedade dizer que os dramas individuais representam enormes capitais de sofrimento, possivelmente amenizados se a solidariedade fosse maior, se a informação fosse mais fluida e fácil e se pudéssemos todos enfrentar cabalmente as súbitas transições que a vida nos prepara com uma frequência bem maior que a desejada.

Creio que poderemos fazer agora um pequeno exercício apelando à nossa imaginação.

Por exemplo pensemos em quantos de nós, que estão nesta sala, poderiam regressar às suas casas caso tivessem de se deslocar em cadeiras de rodas. E visitar amigos ou parentes? E, alargando um pouco o âmbito, quantos teriam de mudar de emprego, ou de rua, ou do habitual local de férias? E poderemos dar mais amplitude à nossa pesquisa e perguntar se seria fácil continuar a frequentar os mesmos restaurantes, ou cinemas?

Mas os problemas estão bem para além da vulgar ultrapassagem das barreiras que se colocam a quem perdeu a capacidade de se locomover ou de ver.

Os problemas podem situar-se em brutais desajustamentos familiares, na perda das habituais referências sociais, na mudança radical e abrupta na vida de cada um e dos que o rodeiam.

Depois poderemos acrescentar o drama dos custos acrescidos, das perdas de rendimento, da dificuldade em tão rapidamente quanto se deseja organizar de novo tudo o que restou.

Hoje as condições são muito mais favoráveis, permitindo alguma desdramatização e tornando relativamente mais fácil a reabilitação, mas se alguma coisa se deve à alteração das estruturas de apoio e à evolução social dos últimos anos, muito mais se deve à força por vezes de super homem que trazemos dentro de nós e que funciona quando a adversidade é presente.

Pensando de novo na tal pessoa em princípio de vida ou já com carreira e vida organizadas, teremos de reconhecer que os esforços serão potenciados de uma forma extrema, sendo por isso necessário que a sociedade se capacite de que todos os apoios serão sempre poucos e que o trabalho silencioso de instituições como a que aqui represento é imprescindível.

Veremos a seguir um exemplo do que acabo de vos transmitir, ficando todos, julgo, com a certeza de que as realidades trazidas por ele e pela CNAD serão boas conselheiras para um melhor uso das estradas e para um cuidado acrescido na assunção dos riscos de cada dia que nos for dado viver.

Termino, não com o poema de Manuel Alegre, mas sim com a convicção plena de que de súbito, tudo mudou!